



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 5 – Nº 11 - Janeiro - Junho 2010

Semestral

Artigo:

CURRÍCULO: O COTIDIANO ESCOLAR

Autor:

Eliano da Silva¹

¹ Pedagogo, pela Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado FIDENE – Ijuí RS (1983); Educação Física, pelas Faculdades Reunidas de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas de Palmas - FACEPAL – Palmas PR (1988); Pós-Graduado em Metodologia de Ensino - Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC - Florianópolis – SC – (1991); Mestre, pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – Convênio UNICAMP – Campinas SP - UNICENTRO – Guarapuava – PR - /2000).
Endereço Residencial: Rua Santos Dumont 529, Centro - 89900-000 São Miguel do Oeste – SC, AP- 15;
Telefone : 49 9998 0373; elinosilva@hotmail.com

CURRÍCULO: O COTIDIANO ESCOLAR

Resumo: O termo currículo nos dá a idéia de um caminho percorrido durante uma vida ou aquele que se pretende percorrer. Dessa forma, o currículo escolar é algo abrangente, dinâmico e existencial. Ele é entendido numa dimensão profunda e real que envolve todas as circunstâncias da vida escolar e social do aluno. O presente trabalho busca refletir sobre a nossa prática pedagógica, sobre os interesses do que se esconde por trás do currículo escolar, sobre a ação pedagógica do professor na sala de aula, dos seus valores que são transmitidos nas suas ações, nos interesses dos alunos e da sociedade como um todo. Contempla um estudo a respeito do cotidiano, exemplificando sua operacionalidade com o estudo do livro didático no cotidiano escolar, fazendo especulações relativas a ações docentes e a necessidade de transformações das práticas pedagógicas. O texto busca refletir que é possível vislumbrar uma resposta à questão que se levanta sobre a possibilidade de se articular mudanças no cotidiano da escola.

Palavras chaves: currículo, escola, professores, alunos, trabalhadores, ação pedagógica, conteúdo, cotidiano

Abstract: The term curriculum gives us the idea of a way followed during a life or that what if want to go. This form, the school curriculum is something wide-ranging, dynamic and existential. He is understood in a profound and real dimension that involves all the circumstances of the school and social life of the student. The present work search to reflect on our teaching practice, on the interests of what is behind the school curriculum, on the pedagogical action of the teacher in the classroom, their values that are transmitted in their actions on the interests of students and society as whole. Includes a study the respect of daily, exemplifying his operation with the study of textbooks in the school daily, making speculation concerning the actions teachers and the need to change of teaching practices. The text search to reflect that it is possible to discern an answer to the question raised about the possibility of coordinating changes in daily school.

Keywords: curriculum, school, teachers, students, workers, pedagogical action, content, daily.

O termo currículo nos dá a idéia de um caminho percorrido durante uma vida ou aquele que se pretende percorrer; desta forma, o currículo escolar é algo abrangente, dinâmico (?) e existencial. Ele é entendido numa dimensão profunda e real que envolve todas as circunstância da vida escolar e social do aluno.

Este currículo, se refere a todas as situações criadas e vividas dentro e fora da escola pelos alunos, professores e pela comunidade escolar, sempre esquecido nas discussões das reuniões escolares e nas salas de aulas.

Quando opto por estudar e compreender mais a ação do currículo, o cotidiano de sala de aula, da escola, do trabalho dos professores que muitas vezes nem percebem a profundidade das suas “falas”, dos gestos que trabalham durante a aula. Alguns professores não acreditam ou não percebem as influências do FMI, das Bolsas de Valores, de outros organismos internacionais de controle do capital financeiro na definição das políticas econômicas e do mercado de trabalho.

Algumas questões e reflexões são norteadoras do meu interesse em compreender melhor como, na dinâmica das relações escolares, se manifesta o currículo. Por que os alunos relutam em não participar das aulas? Por que os professores em geral, não conseguem atrair a

atenção dos alunos na sala de aula? Por que a aula não é de interesse do aluno, e por vezes nem do professor?

O cotidiano escolar, o currículo está preocupado com o tipo de aprendizagem que os alunos desejam? Está preocupado com os anseios dos pais dos alunos? E com as aspirações dos professores?

O estudo do cotidiano escolar se coloca como fundamental para melhor se compreender como a escola desempenha seu papel socializador, seja na transmissão dos conteúdos escolares, ou na transmissão das crenças e valores que aparecem nas ações, nas interações e nas relações sociais que caracterizam o cotidiano da experiência escolar.

Segundo ANDRÈ (1994), esse processo de socialização, no entanto, não é tão determinativo:

A importância do estudo do cotidiano escolar se coloca aí: no dia-a-dia da escola é momento de concretização de uma série de pressupostos subjacentes à prática pedagógica, ao mesmo tempo que é momento e o lugar da experiência de socialização que envolve professores e alunos, diretor e professor, diretor e aluno e assim por diante (In: FAZENDA, 1994, p.40).

Por isso a necessidade de estudar, captar o movimento que permita essa dinâmica de trocas, de internação das relações entre os sujeitos, que reflete os valores, símbolos e significados oriundos das diferentes instâncias socializadoras como a escola. Todo esse processo se materializa no cotidiano.

Minhas reflexões sobre o cotidiano da sala de aula, da vida na escola, tomarão como referência a experiência escolar direta e a história de vida de seus legítimos participantes: professores, diretores, alunos, serventes e merendeiras.

Pretendo por um tempo maior de estudo, de reflexão sobre o currículo, sobre o cotidiano escolar, ser o “olho mau” (descrito por MCLAREN, 1992) para observar se de fato o ensino que fazemos na escola é “democrático”. Este conceito de democracia é baseado em quem? O que determina isso no cotidiano escolar? Esse ou esses currículos “trabalhados” na escola virão de fato atender aos trabalhadores e seus filhos? E os filhos dos “não são trabalhadores” tem que tipo de currículo? Quem determina “quem são trabalhadores”? Essa ação “os alunos precisam trabalhar esse conhecimento (?) para conseguirem um lugar na sociedade”, consegue de fato orientar os alunos na realização de seus sonhos, de seus anseios? Quem define, ou de onde se originam, os valores sobre o trabalho, a ação pedagógica dos professores? O conhecimento científico” trabalhado nas escolas e de fato conhecimento

científico? Como o trabalho escolar, a ação pedagógica do professor pode interferir na vida futura do aluno? Como incluir as atividades do cotidiano da comunidade à ação escolar do currículo? Por que o estudo da cidadania é “para a cidadania” e não “na cidadania?”.

A escola possui o papel de uma agência institucionalizada, com suas regras, com seus rituais, suas normas, passando a ser considerada como instrumento de suporte da formação das necessidades e como está presente em todos os tipos da comunidade humana. A escola desenvolve necessidades nos alunos? Que tipo de necessidades? Necessidades próprias do ser humano? Os alunos nas escolas são estimulados à discussão ou somente devem seguir as normas da escola? Todas essas perguntas certamente nos inquietam ao mesmo tempo, nos fazem refletir e se autodesafiar. Diante dessa realidade é imprescindível apresentarmos alguns pontos para que possamos aprofundar o debate sobre currículo. Primeiramente não podemos separar o aprender do conhecer. Hoje é primordial trabalhar a formação do educador na perspectiva de elevar a educação a um novo patamar. Nesse contexto o profissional da educação deve adquirir para si algumas características, entre os quais, ter uma maior iniciativa, ter a capacidade de enfrentar risco e desafios, ter uma comunicação clara e acessível para o educando, saber compreender o colega, administrar e resolver possíveis conflitos no cotidiano escolar. O currículo precisa sim, ter elementos que possam melhorar a relação ensino/aprendizagem. Nessa linha de pensamento precisamos construir coletivamente um currículo que tenha nos seus eixos temáticos a ética, ecologia, cidadania e diversidade cultural e de pensamento. Então o currículo passa por uma compreensão e definição do aspecto da escola como coloca de forma brilhante Brandão, no qual define a escola:

É uma fração de modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade (1991, p. 15).

Desde o momento em que a divisão social do trabalho começa a transformar a organização e o funcionamento da sociedade, a ação de educar, passa a ser trabalho institucionalizado que se concretiza por meio da ocupação formal de espaços, tempos e práticas, por profissionais com formação científica. A escola e a educação se enquadram na mesma dimensão político-ideológica que norteiam as outras práticas sociais que as classes dominantes procuram desenvolver como mecanismo de controle. Caracterizada dessa forma, essa sociedade industrial exerce pressão sobre a escola, que enquanto agência a serviço do Estado precisa cumprir sua função que é a de submeter os alunos a um processo de formação idealizada por e para essa sociedade. Refletir, estudar o cotidiano escolar, a reprodução social

não acontece tacitamente, mas num conjunto contraditório em que se fazem presentes mecanismo e relações de resistência. Nas palavras de Heller:

Cotidianidade não tem sentido autônomo. A cotidianidade adquire sentido no contexto do meio histórico como substância da sociedade (1977, p. 93).

Na prática escolar cotidiana, os sujeitos costumam integrar práticas e saberes que provem de outros âmbitos e excluem elementos que pertencem ao domínio da escola. Hoje é mais evidente a preocupação na escola em desenvolver campanhas das mais diversas, assim como, campanha pela paz, campanha pelo trânsito, campanha em defesa do meio ambiente, contra as drogas, contra AIDS, campanha da nota fiscal, ensinar a usar a camisinha, a usar a escova dental e tantas outras, se desvia o foco principal que é a discussão (?) e promoção do conhecimento produzido pela humanidade. De quem são esses interesses? Por que estão sendo contemplados no currículo? Por que determinados conhecimentos não são incluídos no currículo escolar e outros o são? Todas essas indagações vêm ao encontro no sentido de apontar possíveis falhas no nosso currículo escolar. Quando falamos em aprendizagem, isto significa que ela tem que ser de forma integral; no entanto, o currículo escolar deve elevar o aluno a um pensamento autônomo e crítico, com criatividade, elevando a imaginação dos saberes. Nós seres humano somos movidos por sentimentos, determinação e até mesmo por contradição. Para entender melhor essa dinâmica é possível trazer o pensamento de Marx e Hengel sob a ótica da dialética, que sem sombras de dúvida ainda na atualidade é um paradigma consistente para analisar e compreender a educação.

O currículo como prática reconhece o conhecimento como construção social, o que é resultado da interação humana, e o currículo como consequência de decisões arbitrárias sobre o quê, como e para quem ensinar (MOREIRA 1992). Para enfatizar o poder dos professores e alunos, o currículo como prática, nunca deu a devida importância às interconexões entre elementos macro e micro-sociais (Moreira, 1990).

Santos e Moreira, comentam:

Nas escolas não se aprende apenas conteúdos sobre o mundo natural e social, adquire-se também consciência, disposição e sensibilidade que comandam relações e comportamentos sociais do sujeito e estruturam sua personalidade (In: SILVA, 1995, p. 50).

Conceitos como grade curricular, componentes curriculares atividades curriculares, currículo, materiais de estudos, disciplina, programas curriculares, são muito usados nos nossos dias, e é fundamental que os professores esclareçam para si os conceitos de currículo,

pois muitos confundem com outros conceitos: programa, rol de conteúdos, plano de ensino, plano de curso...

Sabemos o quanto o termo currículo é complexo, e que não tenho a intenção de desvendá-lo por completo, tarefa impossível visto que ele é dinâmico (?).

Sabemos que nele, estão incorporados os interesses sociais e da luta cultural que se processa na sociedade, como instrumento de ação política, como ação coletiva que se funde numa concepção de mundo de homem, de educação, como prática político-pedagógica. Ele é mais que um rol de disciplina, ele é uma questão político-cultural pelo fato de trazer intenções que portam atitudes frente às relações sociais.

Desde a incorporação deste termo ao vocabulário pedagógico atual, os sentidos mais usuais da palavra currículo, se referem ao conhecimento escolar e a experiência de aprendizagem. “O que deve conter um currículo”? Como organizar esses conteúdos, se os professores usam exatamente o conteúdo do livro didático?

Veja a sala de aula, o ambiente escolar, um ambiente riquíssimo de elementos para as mais variadas reflexões e análises. São espaços e tempos valiosos. A complexidade e a dinamicidade são marcantes nesse mundo que pode ser dramático, mesmo quando não aparece. A sala de aula, o cotidiano escolar é um mundo de fragmentos, de conflitos, ideias, histórias, paixões que se interconectam, ora se repelem, ora se fundem. Os professores geralmente não saem desse ritmo (?) habitual na sua ação pedagógica, mas suas falas se mostram totalmente diferentes quando se dizem serem protagonistas, construtivistas humanistas, integradores. Os conteúdos trabalhados nas salas de aula, na escola, praticamente não possuem nada de “atrativo”, não é trabalhada a “cultura juvenil”, por exemplo, as músicas, as roupas, as danças, os esportes que tanto gostam, não que a sala de aula tenha que ser um espetáculo todo o dia, ou se tenha os mesmos apelos visuais, sonoros que temos na televisão, ou que o professor realize pirotecnia para chamar a atenção do aluno.

Santomé comenta:

Uma instituição escolar que não consiga conectar essa cultura juvenil que não tão apaixonadamente os/as estudantes vivem em seus contextos, em suas famílias, com seus amigos e amigas, com as disciplinas acadêmicas, do currículo, está deixando de cumprir um objetivo adotado por todo mundo, isto é, o de vincular as instituições escolares com o contexto, única maneira de ajuda-los/as a melhorar a compreensão de sua realidade e a comprometer-se em sua transformação (In: SILVA, 1995, p. 165).

Não se pode mais esquecer, ignorar o mundo em que os professores e alunos estão inseridos, muito mais do que isso, não podemos esquecer quem são esses alunos. De onde procedem ou para onde vão, em busca de conhecimentos? E nos cursos superiores como acontecem essas relações? Nos cursos superiores os professores “dão” uma apostila, os alunos são divididos em grupos para “fazerem trabalhos e apresentarem”. É dominação também?

Green E Bigun nos ajudam a refletir sobre isso e muito mais sobre nossas pretensões de refletir sobre a ação do currículo:

Tendo em vista que será a juventude que herdará a terra, que é ela que já habita o futuro, em muitos sentidos, não deveríamos contemplar a possibilidade de que somos nós, que estamos sendo assim, cada vez mais transformados/as em “outros”, com nossos poderes se desvanecendo, no momento mesmo em que os exercemos, cada vez mais estrangeiros em nossa própria salas de aula, quando os/as alienígenas entram e tomam seus acentos, esperando (im)pacientes suas instruções sobre como herdar a terra(1995, p. 240).

O currículo escolar deve incorporar para si elementos com distintas categorias, como por exemplo, construir interdisciplinarmente o projeto pedagógico da escola, acoplado aos temas transversais muito presentes na atualidade, e de modo especial nos PCNs , onde procura-se trabalhar os desafios de uma educação sem discriminação étnica, cultural ou de gênero.

Para discutirmos currículo de uma forma crítica, é necessário saber que essa discussão precisa ser realizada num sentido amplo e abrangente, não se limitando a problemas técnicos como acontecem em muitos momentos da nossa história, entendendo se que o campo específico de currículo está altamente influenciado por um conjunto de valores educacionais. Além disso, para discutir currículo é necessário conhecer e entender as concepções curriculares existentes, pois elas implicam em visões filosóficas diferenciadas a respeito do mundo, do homem, da educação. O estudo, a reflexão sobre currículo, passa obrigatoriamente, pelo estudo do cotidiano da sala de aula, da escola, da vida de alunos e professores. Os professores, quando falam, quando explicam seus conteúdos na sala de aula, mostram também seus valores, suas crenças, suas visões de mundo e, isso vai influenciando na vida do aluno. Os professores não se questionam da validade desses seus valores e continuam a reproduzir situações e esperanças e, esperam que os alunos pensem e ajam de acordo com suas regras. Poucos se preocupam se de fato esses conteúdos serão úteis na vida do aluno ou no mundo futuro onde estará inserido.

Para onde vão nossos alunos?

Em qual tipo de sociedade estarão inseridos?

Onde estão nossos alunos que deixaram a escola na década passada? Os conteúdos ministrados na época ajudaram a tornar a vida dos ex-alunos mais saudável e com melhor qualidade?

Currículo escolar, é possível um novo redimensionamento?

Tornar-se humano hoje é um pouco diferente daquilo que aprendemos á algumas décadas . Temos hoje a cultura da informação, do CD, do CD-ROM, da microeletrônica, do cartão plástico, das redes eletrônicas de comunicação, da comida química, das info-vias, dos satélites e das armas que matam a distância.

A multimídia oferece a possibilidade para que as pessoas se tornem sujeitos itinerantes e ativos, permitindo acessar e interagir com informações sobre as mais variadas formas. Sem dúvida que estas tecnologias afetarão várias atividades humanas no campo de trabalho, saúde, educação, lazer, tempo livre, relações entre sujeitos, etc.

Nesse sentido, o acelerado desenvolvimento da microeletrônica e suas possibilidades, abre novas perspectivas de trabalho sendo muito difícil imaginar o futuro de nossas sociedades. As infra-estruturas de telecomunicações, graças à fibra ótica, poderão facilitar o intercambio de informações a grandes velocidades e a custos mínimos. Todo este progresso deve ser visto pelos educadores como possibilidade de interação entre todos os seres vivos. Isso não pode ser considerado utopia ou simples relato de ficção científica. A escola, os professores precisam estar preparados para recepcionar estas inovações a serviço da cidadania.

Torna-se urgente a discussão do currículo pela comunidade escolar interessada!

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli (1994). A pesquisa no cotidiano escolar. In: FAZENDA. I.(Org). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo. Cortez.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1991). **O que é educação**. São Paulo. Brasiliense.
- HELLER, Agnes (1977). **Sociologia de la vida cotidiana**. Barcelona. Península.
- MOREIRA, Antonio Flavio B (1990). **Currículos e programas no Brasil**. Campinas. SP.
- SANTOMÉ, Jurgo Torres (1995). As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomas Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula**. Petropolis. Vozes.
- GREEN, Bill, BIGUM, Cris (1995). In: SILVA, Tomas Tadeu da. **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis. Vozes.